

LEITURA E ESCRITA: importância e dificuldades na formação do leitor

Erika de Souza Delgado

Tutora Externa: Maria do Socorro Araújo do Nascimento

Professora: Jackeline Maria Beber Possamai

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (LED 0115) – Trabalho de Graduação
24/04/13

RESUMO

Este trabalho visa à discussão sobre a necessidade de se inserir, nas aulas de Língua Portuguesa, uma abordagem reflexiva em relação à importância e às dificuldades na formação do leitor e, conseqüentemente, à discussão sobre a formação do professor responsável por tal ação. A leitura e a escrita se fazem presentes em todas as etapas de nossas vidas. Em todas as situações, a leitura encontra-se em destaque, tornando-se imprescindível ler e escrever. Nesse processo, faz-se necessário que os educadores sejam modelos de leitores, para que através de sua atitude possam mostrar aos seus educandos a verdadeira importância de estar inserido no mundo das letras desde cedo, tornando-se um leitor competente e desenvolvendo assim o verdadeiro letramento.

Palavras-chave: Formação do leitor. Leitura e a escrita. Leitor competente.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho apresenta reflexões acerca das dificuldades na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita. A ideia inicial não é buscar culpados para a aprendizagem deficiente dos alunos, mas sugerir alguns caminhos que possam amenizar esta realidade persistente no universo escolar.

Indaga-se também sobre o letramento e suas funções na sociedade, aborda-se a importância do professor nesse processo e a importância de trabalhar a realidade do aluno, levando em consideração seus conhecimentos prévios e oferecendo diversos tipos de textos para que ele se torne um indivíduo socialmente e culturalmente letrado.

A questão é: por que existem poucos leitores que realmente entendem o que leem?

Ao analisar a situação dos leitores em anos finais do Ensino Fundamental e iniciais do Ensino Médio, percebe-se que as dificuldades vêm se arrastando desde os primeiros contatos com a leitura. A participação do professor, que deveria ser leitor, aparece de forma pouco marcante. Alguns demonstram uma grande aversão ao ato de ler, passando isso para seu público e, conseqüentemente, afastando-os cada vez mais da leitura.

Estas questões foram constatadas na convivência com os alunos em sala de aula, ratificadas pela opinião de outros educadores durante pesquisa de campo realizada com professores e alunos da rede municipal e estadual.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA

Paulo Freire (1997) menciona que a

leitura é uma habilidade humana que precede a escrita, só pode ser escrito o mundo que foi anteriormente lido. Para Kleiman (2001), a palavra é patrimônio da cultura letrada; assim, é preciso garantir ao cidadão a participação nessa sociedade letrada.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), a questão das sociedades letradas, da constituição do campo artístico, das novas tecnologias que ocasionam mudanças cognitivas e de percepção pode ser uma abordagem de interesse para todas as disciplinas da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, bem como o estudo de inter-relação produção/percepção.

Ao analisar o desempenho dos educandos, que, mesmo estudando nas séries finais do Ensino Fundamental ou Ensino Médio, apresentam grande deficiência no que diz respeito ao entendimento do que se lê, percebe-se a importância em investir desde o pré-escolar em uma metodologia que proporcione uma convivência harmoniosa com as letras desde tenra idade. Soares (2004, p. 47) define “letramento: estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

À medida que o analfabetismo vai sendo superado, que um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, e à medida que, concomitantemente, a sociedade vai se tornando cada vez mais centrada na escrita (cada vez mais grafocêntrica), um novo fenômeno se evidencia: não basta apenas aprender a ler e a escrever. As pessoas se alfabetizam, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita, não necessariamente adquirem competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais da escrita: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento, uma declaração, não sabem preencher um formulário. [...] (SOARES, 2004, p. 45-46).

Para Haidt (1999), o professor deve garantir situações que incentivem o aluno

a progredir nos estudos e estimulem sua participação ativa no ato de aprender.

O que é que eu quero dizer com dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo? Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as ‘palavras da escola’, e não as ‘palavras da realidade’. O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam. Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de ‘cultura do silêncio’ imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência, e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios. (FREIRE, 1989, p. 164)

O mundo globalizado exige um desenvolvimento e certa habilidade em leitura e interpretação, onde cada pessoa deve ser capaz de, independentemente da área em que esteja atuando, demonstrar a capacidade que tem em lidar com as palavras. Na concepção de Santos-Théo (2003, p. 1), “[...] ler consiste num conhecimento baseado principalmente na habilidade de memorizar determinados sinais gráficos (as letras)”.

Na concepção de Coracini (1985, p. 14), nessa leitura “[...] vista como interação entre os componentes do ato da comunicação escrita, o leitor, portador de esquemas (mentais) socialmente adquiridos acionaria seus conhecimentos prévios e os confrontaria com os dados do texto, ‘construindo’, assim, o sentido”.

Para Ferreira (1996), a leitura e a escrita

são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser trabalhado de modo a desenvolver o senso crítico do educando e, a partir dele, sua participação nas decisões que porventura forem surgindo no cotidiano escolar e no social, de maneira a torná-lo um cidadão consciente do seu papel: construir uma sociedade mais justa e desenvolvida dentro do contexto social ao qual está inserido.

Dentro da escola todos precisarão estar conectados com um objetivo comum, que é o de integrar os educandos dentro do contexto da leitura e escrita, tornando-os leitores de textos diversos, desde bula de remédio até livros de contos e poemas.

Sabe-se que, se houver um incentivo durante os primeiros anos de estudos, será mais fácil desenvolver no cotidiano escolar e em casa uma vontade de ler e principalmente de colocá-la como uma ação prazerosa durante toda sua vida, pois quanto mais se lê, mais se aprende, levando o leitor a entender que o aprendizado não acaba ao se formar, ele se renova a cada dia, em cada texto que tivermos em nossas mãos.

Segundo Smolka (1999, p. 43):

Do “ensino” da professora, então, não resulta, necessariamente, o “aprendizado correto” do aluno. Há um espaço para a elaboração individual da criança. A professora ensina porque esclarece, não oculta, não disfarça. [...] Ela informa adequadamente a criança, supondo que a criança é capaz de aprender a ler e a escrever. Desse modo, além do funcionamento da escrita, a professora trabalha o reconhecimento do outro, a interação, a relação com a criança.

Ter uma sociedade mais letrada é cada vez mais importante. É fundamental saber interpretar, formando assim uma sociedade mais participativa, criativa e realmente transformadora do grupo ao qual pertence.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997, p. 55):

[...] se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. Principalmente quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é indispensável, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade de esses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do cotidiano. É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo; não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades em sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede.

Para Vygotsky (2000), a relação entre homem e meio é sempre mediada por produtos culturais humanos, como instrumentos e signos. O instrumento orienta externamente a atividade do sujeito para a modificação do ambiente e o signo orienta internamente para a modificação e funcionamento psicológico do homem.

Leitura, escrita e fala não são tarefas escolares que se esgotam em si mesmas; que terminam com a nota bimestral. Leitura, escrita e fala – repetindo – são atividades sociais, entre sujeitos históricos, realizadas sob condições concretas. (KUENZER, 2002, p. 101).

É preciso desenvolver um trabalho que viabilize um desenvolvimento contínuo, começando desde os primeiros anos de estudo da criança, perpassando pelos anos seguintes, levando-os assim a uma

construção contínua, já que o processo de ensino/aprendizagem nunca termina, independentemente da idade dos estudantes e do meio em que eles estejam inseridos.

A cada dia que passa, o acesso a leituras diversificadas fica mais fácil, pois os meios tecnológicos estão presentes em quase todos os pontos do país, facilitando de certa maneira a utilização dos mesmos por crianças, jovens e adultos que ainda pertencem a grupos sociais onde a leitura propriamente dita está distante da realidade social da qual fazem parte. Freire (1993, p. 54), analisando a articulação entre o saber, as novas tecnologias e educação ao poder, afirmou:

Exatamente porque somos programados, somos capazes de pôr-nos diante da programação e pensar sobre ela, indagar e até desviá-la [...] Somos capazes de inferir até na programação da que somos resultado [...] A vocação humana é a de “saber” o mundo através da linguagem que fomos capazes de inventar socialmente [...] nos tornamos capazes de desnudar o mundo e de “falar” o mundo. Só podemos falar do mundo porque transformamos o mundo, e o processo não poderia ser ao inverso. Neste sentido, a linguagem não só é veículo do saber, senão que é saber. Não se pode compreender a vida histórica, social e política dos homens fora dele e da necessidade de saber. É um processo que acompanha a vida individual e social das pessoas no mundo com sua politicidade. Isto tem a ver com a forma de “estar sendo” no mundo; o saber fundamental continua constituindo a capacidade de desvendar a razão de ser do mundo, e este é um saber que nem é superior nem inferior aos outros saberes, senão que é um saber que elucida, que desoculta, ao lado da formação tecnológica [...] É o “saber político” que a gente tem que criar, cavar, construir, produzir para que a pós-modernidade democrática, a pós-modernidade progressista se instale e se instaure contra a força e o poder de uma outra pós-modernidade que é reacionária.[...] Necessita-se de homens, de mulheres, que ao lado dos saberes técnicos e científicos, estejam também

inclinados a conhecer o mundo de outra forma, através de tipos de saberes não preestabelecidos. A negação disto seria repetir o processo hegemônico das classes dominantes, que sempre determinaram o que podem e devem saber as classes dominadas.

Assim, um trabalho mais aprimorado com a leitura e a escrita deve ser desenvolvido dentro do âmbito escolar, de modo a levar para a comunidade social uma nova dinâmica, onde a leitura e a escrita façam realmente parte do cotidiano das pessoas, levando-as a transformar de maneira criativa o meio em que vivem.

2.1 ALFABETIZAÇÃO: PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

Ler e escrever são tarefas complexas para iniciantes, portanto a alfabetização requer uma abordagem reflexiva acerca da escrita e da leitura. O maior problema é como alfabetizar, como transformar pequenas crianças em grandes leitores e escritores, como facilitar o trabalho do professor e do aluno. Os PCN enfatizam a importância do processo de leitura e afirmam que, no ambiente escolar, a mesma merece espaço privilegiado para que as estratégias do leitor se efetivem e este possa transformar-se num leitor proficiente.

Na fase inicial da aprendizagem, as práticas utilizadas, na maioria das vezes, são baseadas na junção de sílabas simples, memorização de sons, decifração e cópia. Esses métodos fazem com que a criança se torne um espectador passivo ou receptor mecânico, pois não participa do processo de construção do conhecimento.

O processo de alfabetização inicial, quando ocorre nas formas tradicionais, consiste num método no qual o professor transmite seus conhecimentos aos seus alunos. Porém, muitos desses professores não estão capacitados para compreender e identificar as dificuldades que a criança

enfrenta antes de entender o sentido da leitura e escrita.

[...] A escola assume a responsabilidade de iniciar a criança no processo de alfabetização [...] e de se aperfeiçoar sua leitura [...] A preparação do leitor efetivo passa pela adoção de um comportamento em que a leitura deixe de ser atividade ocasional para integrar-se à vida do sujeito como necessidade imperiosa, de que decorrem prazer e conhecimento. (SARAIVA, 2001, p. 23).

A alfabetização não pode ser entendida como um simples modo de aprender a juntar as letras, mas, como uma maneira de se introduzir os pequenos estudantes no imenso mundo das letras para tentarmos minimizar a grande incidência de analfabetos funcionais dentro da nossa sociedade. Saraiva (2001, p. 27) afirma que:

[...] a importância da relação aluno-texto expressa-se de modo ainda mais significativo quando se conjuga ao desafio de apropriação do código escrito. Aí a leitura é mais do que uma descoberta e revelação: é posse da linguagem enquanto forma-substância que conduz à autocompreensão e ao estabelecimento de mais ricas relações interpessoais.

Compreender que os alunos possuem uma bagagem cultural é indispensável, bem como aproveitar estas informações para consolidar o processo de aprendizagem, trabalhar aquilo que o aluno vivencia no seu cotidiano, bem como chamar atenção, usando o lúdico, contando histórias, trazendo um pouco dos contos de fada para a vida real.

Para Ferreiro (1996, p. 24):

O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de assimilação que

Piaget coloca no âmago de sua teoria.

Segundo Strick e Smith (2001), deveríamos ensinar as crianças a escrever da mesma forma com que as mães ensinam seus filhos a falar e andar – dentro do que se considerava um “método natural.” Portanto, um dos fatores que dificultam a alfabetização é a falta de naturalidade em mostrar que a escrita e a leitura são ações tão fáceis quanto falar.

Ferreiro (2000, p. 47) também afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

Conforme as experiências adquiridas pelas crianças, Ferreiro (2000, p. 44) esquematiza algumas propostas fundamentais sobre o processo de alfabetização inicial:

- Restituir à língua escrita seu caráter de objeto social;
- Desde o início (inclusive na pré-escola) se aceita que todos na escola podem produzir e interpretar escritas, cada qual em seu nível;
- Permite-se e estimula-se que a criança tenha interação com a língua escrita, nos mais variados contextos;
- Permite-se o acesso, o quanto antes possível, à escrita do nome próprio;
- Não se supervaloriza a criança, supondo que de imediato compreenderá a relação entre a escrita e a linguagem;
- Não se pode imediatamente ocorrer correção gráfica nem correção ortográfica.

A autora afirma que:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (FERREIRO, 2000, p. 23)

O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz, “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil”. (FERREIRO, 2000, p. 61)

O professor precisa oferecer à criança a possibilidade de compreender a linguagem escrita como um instrumento de comunicação e um objeto de conhecimento. Caso isto não ocorra, a escrita torna-se um elemento cuja validade fica restrita ao meio ambiente escolar, porque serve somente para “aprender”, para receber uma nota ou para passar de ano. Para Solé (1998, p. 72), “[...] o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender”.

Para que isso ocorra de maneira satisfatória, o professor precisa assumir uma postura de facilitador, incentivador e conquistador. Durante este processo são indispensáveis o incentivo e a motivação, pois quando estimulados os alunos se desenvolvem melhor. Durante o ensino da escrita e da leitura, encantar as crianças contribuirá para a desenvoltura de cada uma, é preciso conquistar, mostrar o quanto é fascinante ler um livro e escrever sua própria história. Segundo Oliveira (2005, p. 377),

As competências relacionadas com os “objetivos” da aprendizagem da leitura, a compreensão e produção de textos são de natureza muito mais complexa. O ensino dessas competências antecede, acompanha e sucede o processo de alfabetização, mas é independente delas. As pessoas compreendem antes de saber ler e são capazes de contar histórias, fazer descrições ou relatar notícias antes de saber escrever.

2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E DA ESCRITA

da leitura e da escrita, percebe-se que algumas crianças encontram dificuldades na assimilação e na compreensão do ler e escrever, o que inspira atenção quando não encontram significado para o que estão aprendendo.

Segundo Fontana e Cruz (1997, p. 211), as crianças anseiam por uma aprendizagem significativa.

As crianças chegam à escola desejosas de aprender, ansiosas por escrever. Afinal, convivem com a escrita já há algum tempo, sabem que têm algum conhecimento sobre ela, mas sabem também que desconhecem muita coisa. “Eu não sei ler”; “Eu sei que tem coisa escrita, mas eu não sei muito bem usar letra”. Elas têm expectativa de que os adultos lhes ensinem.

É preciso que o professor considere as diferentes formas de ensinar, pois existem muitas maneiras de se aprender, assim, é na relação professor/aluno que a aprendizagem acontece. A criança espera que o professor ensine e que ela aprenda. As crianças necessitam da mediação do professor para que possam se desenvolver, e uma das dificuldades que encontram ao se alfabetizarem é quando se deparam com um ensino mecanizado e descontextualizado. Por sua vez, Braslavsky (1992, p. 104) ressalta que:

O professor costuma utilizar-se de recursos não apropriados para comprovar a utilidade da escrita e sua compreensão. Por exemplo: uma pessoa estranha à classe não entende uma mensagem expressa por desenhos compreensíveis para o grupo, mas compreende quando a mensagem é formulada por escrito. Para esse autor, o segredo do ensino é a preparação e organização adequada do complexo processo de transição de um simbolismo a outro, acompanhando este processo em seus momentos mais críticos para poder adequá-lo ou readequá-lo.

Na escola, crianças e adolescentes

Analizando o processo de aquisição

precisam ter contato com diversos textos, ouvir histórias, observar adultos lendo e escrevendo. Precisam participar de uma rotina variada e estimulante e receber muito incentivo dos professores e da família para que, na idade adequada, aprendam a ler e escrever.

Para Selikowitz (2001, p. 47), a dificuldade específica de leitura é a mais conhecida e a mais estudada forma de dificuldade específica de aprendizagem. Normalmente, a criança apresenta dificuldades em aprender a ler e escrever e, especialmente, em escrever corretamente sem erros de ortografia, mesmo tendo o Quociente de Inteligência (QI) acima da média.

As crianças com dificuldades escolares necessitam de atenção, de educação e ensino diferenciado para que possam desenvolver suas habilidades; quanto mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados. O professor precisa ter um olhar flexível para cada aluno que tenha dificuldade, principalmente, compreender a natureza dessas dificuldades, buscar um diagnóstico especializado e uma orientação para melhorar o dia a dia da criança.

2.3 O LEITOR

Para Gomes (2009), o engajamento do leitor ao processo de leitura depende em larga escala de seu relacionamento com o mundo da escrita e de como essa atividade linguística se reflete em sua vida. O leitor, por sua vez, é capaz de estabelecer uma relação com o texto escrito sobre influências de várias ordens. Conforme a autora, são elas:

Influência da família – crianças que vivem em um ambiente em que se pratica a atividade de leitura regularmente, através de jornais, revistas e livros, recebem uma mensagem muito clara a respeito do valor da leitura;

Influência da comunidade – as experiências compartilhadas com os membros da comunidade contribuem de forma muito importante para a formação

individual do conhecimento. Quanto mais variadas as experiências comunitárias e quanto mais leitores participarem dessa comunidade, maior riqueza haverá para a formação do conhecimento prévio de seus membros para a atividade de leitura; Influência da escola - as experiências escolares são, certamente, as mais decisivas para a formação do leitor. O contato com a escola, além do aprendizado da atividade em si, fornece a possibilidade de conhecer outras variedades de língua e outras realidades de mundo;

Influência cultural – incorporando os três fatores citados, vem a influência do contexto cultural em que vive o leitor. Os valores culturais atuam como um filtro para a formação do leitor, que adquire padrões de pensamento e de atitudes compatíveis com os dos membros do grupo. Uma cultura para a construção de cidadãos leitores;

Influência de características individuais – a relação do indivíduo com a atividade de leitura depende também de fatores individuais, como personalidade, atitude, aptidão, motivação e outros que combinam com os elementos descritos anteriormente para a formação do leitor. (GOMES, 2009, p. 108).

Tais fatores combinados atuam de forma intensa para a evolução do leitor. O conhecimento de mundo, para a formação do leitor crítico, considera que formar um leitor é também desenvolver uma prática de leitura que desperte e cultive o desejo de ler, ou seja, uma prática pedagógica eficiente que dê suporte ao aluno para realizar o esforço intelectual de ler não só textos simples, mas também aqueles nos quais precisará utilizar e pôr à prova todas as suas estratégias de leitura.

O domínio da leitura e escrita é importantíssimo para encarar as experiências do mundo em que vive, já que aumenta o acesso às informações sobre diversos fatos do dia a dia, possibilita a tomada de decisões conscientes e participação ativa dos indivíduos na sociedade. Porém, o domínio de tais habilidades depende muito das condições dadas pelo professor no desenvolvimento da aprendizagem. Por isso,

a primeira concepção da escrita deve ser uma forma efetiva de refletir e agir no meio social.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo baseou-se em pesquisas bibliográficas de autores variados, na experiência com o universo escolar e também numa pesquisa de campo. Nesse trabalho procurou-se analisar as questões que envolvem o processo de elaboração da leitura e da escrita segundo Vygotsky, Paulo Freire, Kleiman, PCN, Soares, Santos-Théo e outros autores que abordam as fases que as crianças passam até chegarem à aquisição da leitura e escrita, e a importância da mediação do outro para que ocorra essa aprendizagem.

Através de um questionário de investigação se tem uma noção acerca da leitura e da escrita, bem como das dificuldades de compreender e interpretar textos. Os entrevistados foram alunos e professores da rede municipal e estadual de ensino de Inhapi – Alagoas.

O questionário respondido pelos professores continha dez questões, sendo oito objetivas e duas subjetivas. Para os alunos, oito perguntas, sendo cinco objetivas e três subjetivas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de aplicar o questionário com dez perguntas, objetivas e subjetivas, apresentamos os resultados, conforme a percepção dos professores e alunos envolvidos.

4.1 ANÁLISES DAS RESPOSTAS DOS PROFESSORES

40% afirmam que gostam de ler, outros 30% correspondem àqueles que não gostam de ler e 30% se omitiram em participar da entrevista. Com base nesse resultado, pode-

se perceber que se o professor, considerado o “espelho” do aluno, não pratica a leitura com frequência, conseqüentemente seus alunos não podem receber o incentivo vindo desse professor. Quanto àqueles que se omitem em participar de uma simples pesquisa, sugere-se que muito se fala em formar alunos, leitores e cidadãos críticos, contudo, se nem o professor possui opinião própria, quanto mais o aluno que é orientado por esse tipo de profissional.

Com relação a ler além dos conteúdos para ministrar aulas, 40% dizem que leem sempre, 30% leem de vez em quando e outros 30% dizem que nunca leem além dos conteúdos para ministrar aula. Esse resultado, infelizmente, mostra a alienação da educação, que, mesmo na era da informação, mostra-se distante da capacidade de buscar novos horizontes.

Os 40% dos entrevistados que gostam de ler e que leem sempre, normalmente leem livros de qualquer tipo, literatura, de autoajuda, revistas, enfim. Outros 60% estão divididos nos que não gostam de ler ou só leem quando acham algo muito interessante, que chame sua atenção de verdade.

A importância da participação dos pais é significativa, contudo, apenas 30% dos pais incentivaram estes professores na sua formação como leitores, 30% receberam incentivo de ler apenas na escola, 40% receberam motivação dos pais e da escola. Assim, percebe-se que não somente os pais podem contribuir na formação de leitores, não somente a escola e professores dedicados podem fazer um bom trabalho, mas pais, professores e escola podem melhorar estes resultados e obterem um resultado excelente no incentivo à leitura.

60% incluem no plano diário das aulas atividades envolvendo leitura, 40% usam a leitura nas aulas, mas não com tanta frequência. 60% afirmam que enquanto educadores motivam os alunos para que

leiam em casa, 40% dizem que não pedem para os alunos lerem fora da sala de aula.

Quando se trata da escrita, 60% realizam atividades de produção e interpretação de textos com o intuito de exercitar progressivamente leitura e escrita. 60% fazem uso de diversas atividades para exercitar diferentes usos de leitura e escrita no dia a dia. 60% desenvolvem atividades para ajudar os estudantes na compreensão e na interpretação de textos.

E, concluindo a pesquisa com os professores, 60% dizem que valorizam a produção de textos. Desta forma, é possível dizer que deve haver ações mais significativas não só por parte do professor, mas de toda a comunidade: escola, pais e sociedade em relação às práticas de leitura e escrita.

4.2 ANÁLISES DAS RESPOSTAS DOS ALUNOS

Através da coleta de dados com os alunos, obteve-se o seguinte resultado: 50% afirmam que gostam de ler, outros 40% correspondem àqueles que não gostam de ler. Durante a pesquisa, alguns alunos comentaram que vão para a escola por causa da “bolsa família”, principalmente os alunos do Ensino Fundamental. E 10% afirmam que gostariam de ter tempo para ler, só que precisam trabalhar. Esse resultado mostra que, mesmo havendo um incentivo do governo, ainda é preciso incentivar e mostrar como a educação é preciosa, não apenas na área da leitura e da escrita, mas no geral, no conhecimento, no sentido de contribuir na formação de alunos críticos.

60% dizem que leem sempre, 20% leem de vez em quando e outros 20% dizem que nunca leem além dos conteúdos para a aula. Os que dizem lerem sempre incluem a leitura dos deveres da escola. Para eles, o conteúdo escolar é uma leitura suficiente e eficaz para exercitar a leitura. 50% normalmente leem livros de histórias,

poemas e revistas, 10% leem apenas livros didáticos, outros 40% gostam de ler qualquer livro. 30% dos pais incentivam os filhos na sua formação como leitores, 40% receberam incentivo de ler apenas na escola e, por fim, 30% receberam motivação dos pais e da escola.

Com relação à escrita, 40% dizem que sentem dificuldades para escrever, 60% dizem que não sentem dificuldade na escrita, mas a escrita das respostas no questionário de pesquisa mostra que existe uma deficiência na escrita, são muitos erros ortográficos.

70% afirmam que têm dificuldades em interpretar textos. Alguns alunos acham que a escola pode contribuir para resolver dificuldades na leitura, na escrita e na interpretação através de uma biblioteca. Outros afirmam que se o professor lesse durante as aulas, seria um incentivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho propôs uma reflexão sobre os processos envolvidos na questão da apropriação da escrita pela criança, destacando as contribuições da perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento humano, apontando e definindo o que vem a ser o letramento e as práticas envolvidas com o ensino de uma escrita e de uma leitura que vá além dos muros escolares.

Para garantir a aprendizagem dos alunos, a escola precisa ter uma proposta pedagógica com orientações transparentes para o desenvolvimento da alfabetização inicial, bem como estratégias para o decorrer do processo de aprendizagem. É na proposta pedagógica que ficam definidos os objetivos para cada etapa, que tipo de atividade precisa ser realizada em sala de aula e na escola.

A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado de todas as matérias

escolares. Por isso, a cada ano o aluno necessita desenvolver mais sua capacidade de ler e escrever, pois se a mesma não ocorrer, certamente haverá dificuldades não apenas na leitura e escrita, mas também em outras disciplinas.

Por isso, deve ser feito um esforço conjunto para tentar minimizar esses problemas da vida de todos os envolvidos. À escola cabe o papel de orientar os professores, cuidar da atualização e aperfeiçoamento, fornecendo assistência pedagógica, recursos necessários, tentando não superlotar as classes, para dar um atendimento às dificuldades individuais dos alunos.

A participação dos pais é fundamental. Contudo, a forma como eles participam é decisiva para o sucesso ou para o regresso do processo educativo da criança. Os pais podem contribuir com seus filhos estimulando a leitura e escrita, presenteando-os com livros, lendo para elas, mostrando letras. Assim, estimula-se uma parceria com a escola, professores e pais, contribuindo para o sucesso da alfabetização das crianças. É importante também que os pais conheçam e compreendam as dificuldades e distúrbios que seus filhos podem apresentar, aceitando e seguindo orientações de professores ou de algum especialista. Participar das reuniões escolares, onde podem acompanhar a evolução ou não do filho, é essencial na relação família X escola. Em casa é importante seu acompanhamento nas lições.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC / SEF, 1997. Volume 2.

BRASLAVSKY, C.; BIRGIN A. **Formação de professores: impacto, passado e presente**. Buenos Aires: Flasco/ Editorial Miño y Dávila AS, 1992.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 2002.

CORACINI, Maria José Rodriguez Faria. Leitura: decodificação, processo discursivo...? In: _____. (Org.). **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. Campinas: Pontes, 1985.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Reflexões Sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2000.

FONTANA, R. A. C.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez Editora; 1993.

GOMES, Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

HAIDT, R. C. C. **Curso de didática geral**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001.

KUENZER, A. (Org.). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

ANEXOS

OLIVEIRA, J. B. A. Avaliação em Alfabetização. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.13, n.48, p. 375-382, jul./set. 2005.

SANTOS-THÉO I. O. Tipos de leitura. **Revista de Educação CEAP**, Salvador, ano, 11, n. 41, jun. 2003.

SARAIVA, J. A. **Leitura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SELIKOWITZ, M. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Editora REVINTER Ltda., 2001.

SILVA, M. A. S. S. **Construindo a leitura e a escrita**. 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

SMOLKA, A. L.B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 8. ed. Campinas: Ed. Cortez, 1999.

SOARES, M. **Letramento – Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STRICK, C.; SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO SOBRE LEITURA E ESCRITA (ALUNO)

- Aluno da rede municipal ()
- Aluno da rede estadual ()
- Ensino Fundamental ()
- Ensino Médio ()

1- Você gosta de ler?
() sim ou () não

2- Com que frequência você lê?
() sempre () de vez em quando () nunca
lê além dos conteúdos para dar aula

3- Que tipo de livros você normalmente lê?

4- Seus pais ou a escola incentivaram a leitura?
() somente os pais () somente a escola
() escola e pais incentivaram a leitura

5- O que você gostaria de ler na escola?

6- Em relação à escrita, sente dificuldades para produzir textos?
() sim ou () não

7- Sente dificuldades em interpretar textos?
() sim ou () não

8- Como você acha que a escola poderia ajudar a incentivar a leitura e a escrita?

QUESTIONÁRIO DE INVESTIGAÇÃO

SOBRE LEITURA E ESCRITA
(PROFESSOR)

10- Valoriza a elaboração de textos produzidos pelo aluno?

() sim ou () não

- Professor da rede municipal ()
- Professor da rede estadual ()
- Ensino Fundamental ()
- Ensino Médio ()
- Há quanto tempo atua como professor? _____

1- Você gosta de ler?

() sim ou () não

2- Com que frequência você lê?

() sempre () de vez em quando () nunca
lê além dos conteúdos para dar aula

3- Que tipo de livros você normalmente lê?

4- Quando criança seus pais ou a escola incentivaram a leitura?

() somente os pais () somente a escola
() escola e pais incentivaram a leitura

5- Os alunos leem diariamente em suas aulas?

() sim ou () não

6- Você como educador incentiva os alunos a ler fora da sala de aula?

() sim ou () não

7- Em relação à escrita, que tipo de atividades utiliza para a aprendizagem progressiva da mesma? _____

8- Utiliza atividades nas quais os alunos possam exercitar os diferentes usos de leitura e escrita no dia a dia?

() sim ou () não

9- Desenvolve atividades para ajudar os estudantes na compreensão e na interpretação de textos lidos?

() sim ou () não